

Globethics Repository



A Bíblia como fonte histórica [The Bible as a historical source]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	KAEFER, José Ademar
Publisher	EATWOT's International Theological Commission
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-09-26 03:19:21
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/235099



A Bíblia como fonte histórica

A Bíblia, a arqueologia e a história

José Ademar KAEFER ¹

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Acabo de receber um e-mail de Israel Finkelstein, um dos arqueólogos mais proeminentes da atualidade, no qual ele fala estar vindo de Megiddo, onde esteve durante sete semanas coordenando as escavações. Megiddo é um dos sítios arqueológicos mais importantes de Israel e Palestina, e por isso também um dos mais cobiçados pelos arqueólogos. Nas breves linhas, Finkelstein fala dos fascinantes achados revelados pelas escavações, descobertas que podem mudar a compreensão não só da história de ocupação do Tell Megiddo, mas a compreensão da própria história do surgimento de Israel Norte.

Faço menção a esse fato, para mostrar a relevância da arqueologia e como certas descobertas podem mudar do dia para a noite o conhecimento que temos sobre a história de Israel e Judá e suas escrituras. Ficar alheio a elas não é conveniente para um bom estudioso da Bíblia.

1. A relevância da arqueologia

A arqueologia teve papel determinante na revolução que a pesquisa bíblica sofreu no início do século XX. Foi sobre ela que em boa parte o Método Histórico Crítico foi construído. Mas, a partir da segunda metade do século XX, com o desenvolvimento do estudo literário da Bíblia, a crise das fontes e o surgimento de vários novos métodos de análise, a arqueologia passou a perder certa relevância. Curiosamente, a leitura fundamentalista que antes rechaçava totalmente o uso da arqueologia passou a utilizá-la para se defender das conclusões dos novos métodos de leitura bíblica. Isso resultou numa certa confusão, pois tanto os críticos

¹ Doutor em teologia bíblica pela Universidade de Münster, Alemanha; Professor titular de Primeiro Testamento do Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); Coordenador do Grupo de Pesquisa "Arqueologia do Antigo Oriente Próximo" (www.metodista.br/arqueologia); (jose.kaefer@metodista.br).

utilizavam os achados de determinado sítio arqueológico para comprovar suas teses quanto os fundamentalistas.

Soma-se a isso fato de que boa parte dos arqueólogos teve e muita ainda tem pertença religiosa. Grandes arqueólogos do passado eram grandes teólogos e clérigos. Evidentemente que é necessário reconhecer que foi precisamente o interesse religioso e teológico que impulsionou a arqueologia durante o século XX. Sem a convicção religiosa dos estudiosos a arqueologia no Antigo Oriente Próximo não teria chegado até onde chegou. Outro fator relevante a destacar é o interesse do estado israelense nas pesquisas arqueológicas. Boa parte dos arqueólogos que escavaram os sítios arqueológicos das terras da Bíblia havia pertencido ao alto escalão do exército. Ou seja, eram profissionais financiados pelo estado e que defendiam os interesses do estado. Por isso, afirmar, por exemplo, que a monarquia unida não existiu ou que os reinados de Davi e Salomão são uma grande incógnita, certamente tem efeitos contrários aos interesses do estado. E é justamente para provar o contrário que muitas escavações em Jerusalém, Hazor, e região sul de Judá etc., vêm sendo feitas atualmente.

Concomitantemente, ou em reação a toda essa problemática, a pesquisa bíblica nas duas últimas décadas concentrou-se predominantemente no estudo da forma literária do texto, ignorando o contexto histórico, tanto aquele ao qual o texto se refere quanto àquele no qual o texto foi escrito (KAEFER, J. A., 2014). Ou seja, a tendência atual é o abandono da leitura diacrônica, que predominou na exegese clássica como parte essencial do método histórico crítico, e a adoção da leitura sincrônica, que privilegia a forma final do texto, com especial atenção à leitura canônica (RÖMER, T., MACCHI, J.-D., NIHAN, C., 2010). Em poucas palavras, dá-se maior atenção à forma e menos ao conteúdo, o que evidentemente tem consequência na aplicação e atualização do texto.

A tendência cada vez maior das grandes escolas modernas de arqueologia, no entanto, é não entrar em todo esse debate. Sua atitude é a de escavar um sítio sem definir apriori o que buscar e apresentar os resultados da forma mais neutra possível, deixando para os estudiosos da Bíblia ou teólogos de diferentes tendências tirarem suas conclusões. Se estiver conforme o relato bíblico, tudo bem, se não estiver, não é preocupação sua. Essa postura da arqueologia, sem se deixar influenciar por questões religiosas ou de outro interesse qualquer, somado ao avanço das ciências arqueológicas, com novas técnicas e novos métodos, tem feito com que a arqueologia volte ao topo da referência para a pesquisa bíblica. De tal maneira que, falar hoje de um estudo sério da Bíblia sem levar em consideração as descobertas da arqueologia não é possível.

As descobertas arqueológicas podem causar no meio popular ou até e em nós certo mal estar de incertezas diante da Palavra de Deus. Isso é normal, pois temos a Bíblia como referência para a nossa fé e consequentemente para o nosso agir. Pode ser que alguém se sinta como se tivesse sido enganado durante toda a sua vida, uma vez que durante os últimos cem anos a interpretação bíblica ensinava outra coisa. Devemos ter em mente que ninguém tem a última palavra quando se trata da pesquisa e interpretação bíblica. Seguramente outras pesquisas e respostas estão por vir e, provavelmente, ainda mais questionadoras que as atuais. A pesquisa bíblica é assim, mexe conosco porque somos pessoas de fé, idealistas que sonham com um mundo mais fraterno e justo, e que têm a Bíblia como uma das grandes referências. Imaginemos o impacto que teve há cem anos, quando os primeiros estudiosos da Bíblia começaram a utilizar a arqueologia e concluíram, por exemplo, que os relatos da criação e do dilúvio narrados no livro do Gênesis foram influenciados pelos mitos do Antigo Oriente, e que Adão e Eva, como tal, nunca existiram. Ou que Moisés não escreveu o Pentateuco, como se presumia até então. São coisas que para nós hoje são facilmente aceitas. Presumo que daqui a alguns anos, aquilo que hoje se escreve também o será.

2. A Bíblia como fonte histórica

Já há alguns anos a história de Israel e Judá está no centro do debate da pesquisa bíblica do Primeiro Testamento. O grande questionamento é se a Bíblia pode ou não ser considerada uma fonte para comprovar a história de Israel e Judá. Nesse debate, o enfoque maior se dá em torno da assim chamada monarquia unida que, conforme relata a Bíblia, teria existido nos períodos dos reinados de Davi e Salomão, mais ou menos entre os anos 1000 e 930 a.C., e abrangido, sob um único governo com sede em Jerusalém, todo território de Israel e Judá. Basicamente as posições dos estudiosos se dividem em três grupos (FINKELSTEIN, I., MAZAR, A., 2007, p. 9-21).

2.1. A chamada “escola maximalista”

O primeiro grupo se caracteriza por defender que o conteúdo da Bíblia pode ser considerado inteiramente histórico. Esse grupo é denominado por outros estudiosos contrários a essa posição de conservador, fundamentalista e, ultimamente também de maximalista. Evidentemente que dentro desse grupo há posturas mais e menos radicais. Há, por exemplo, quem defenda ainda que houve uma redação antiga do Pentateuco, no final do bronze tardio ou início do ferro I. Essa redação teria registrado, por exemplo, a história dos patriarcas e do êxodo. Outros não retrocedem tanto e defendem a posição de uma redação do Pentateuco

no reinado de Davi e de que as histórias dos patriarcas, do êxodo e da conquista de Josué teriam sido conservadas em forma de tradições orais até serem postas por escrito. Tradicionalmente esta redação é denominada de J (Javista), sigla e fonte redacional que para muitos ainda persiste. Porém, hoje se sabe que a escrita em Jerusalém só começou bem mais tarde, no final do século VIII e início do século VII, ou seja, pelo menos dois séculos depois.

Apesar das opiniões divergentes entre os que pertencem ao grupo denominado “maximalista”, todos defendem a monarquia unida nos reinados de Davi e Salomão como histórica. Foi o caso no passado de De Vaux, John Bright etc., e atualmente da escola de William F. Albright, cujos discípulos defendem que a arqueologia pode provar que a Bíblia está certa e os críticos errado.

Foi com esse intuito que na segunda metade do século XX da nossa era se escavou exaustivamente a antiga cidade de Jerusalém, para encontrar resquícios que comprovassem os restos dos palácios e fortalezas de Davi e Salomão, e, mais precisamente, o fabuloso templo de Salomão. Mas, nada disso foi encontrado. O que se encontrou foi nada além de uma pequena área, fora dos muros da atual cidade antiga de Jerusalém, com algumas construções, sem muros ou palácios, quase um assentamento. Esta foi a cidade de Davi, um aglomerado de casas que não poderia de forma nenhuma ter sido a capital de um império (KAEFER, J. A., 2012, p. 10).

Não tendo encontrado sinais em Jerusalém do poderoso reinado de Davi e Salomão, os arqueólogos foram buscá-los nas cidades que Salomão teria reconstruído, orientando-se fundamentalmente em 1Rs 9,15, onde diz que Salomão reconstruiu Hazor, Megido e Gezer, as três cidades/fortalezas mais importantes do período do Bronze e do Ferro I. E, de fato, os sinais estavam ali, ou, pareciam estar. Encontrou-se, entre outros, nos três

famosos sítios arqueológicos muralhas com um mesmo estilo de portão que continha seis câmaras (KAEFER, J. A., 2012, p. 19-30). Esse estilo só existia na camada pertencente ao período do reinado de Salomão. Portanto, as provas das marcas do poderoso império salomônico pareciam contundentes. Pareciam, pois algumas décadas mais tarde, a arqueologia, com técnicas mais refinadas, concluiu que as muralhas com os tais portões de seis câmaras foram construídas um século mais tarde e que pertenciam ao reinado de Acab, rei de Israel Norte (873-852).

2.2. A chamada escola “minimalista”

Também aqui o nome não é uma autodenominação, mas uma classificação dada pelos seus opositores. O grupo considerado “minimalista”

descarta qualquer hipótese de ser a Bíblia uma fonte histórica. A Bíblia não pode ser considerada como evidência para comprovar a história de Israel.

O movimento “minimalista” se intensificou a partir da última década do século XX. Seus principais protagonistas são: John Van Seters, Thomas L. Thompson, Niels Peter Lemche, Philip R. Davies e Keith Whitelam, entre outros/as, e têm a Universidade de Copenhague, onde alguns desses professores trabalham, como base de seus estudos. Não fazem muito uso da arqueologia, mas praticam uma análise crítico-literário da Bíblia e a partir dela defendem que a Bíblia hebraica é um produto pós-exílico. Os textos bíblicos teriam sido compostos nos períodos persa, helenista e hasmoneu a serviço da ideologia da elite do templo de Jerusalém. A preocupação dessa elite seria a de fundamentar o papel central do templo, do culto e dos sacerdotes, daí a propaganda da história dos patriarcas, êxodo, conquista de Josué e período áureo de Davi e Salomão. Os grandes heróis de Israel e Judá teriam sido só mitos.

Também aqui nem todos os que pertencem a esse grupo têm posições unânimes. Cada pesquisador deveria ser analisado em separado. Porém, em linhas gerais há concordância entre eles.

Independentemente da posição que defendamos, entendemos de que os estudos desse grupo devem ser levadas muito a sério, pois não há como negar que grande parte da Bíblia hebraica tenha sido produzida no pós-exílio. O período que no passado era considerado o período escuro, onde não se teria produzido nada, hoje se sabe que foi o de maior produção literária. Além disso, não há como não perceber que grande parte das leis no Pentateuco se refere ou têm ligação com o templo e trazem a ideologia e o interesse da elite do templo. Soma-se a isso o fato de que a pertença a uma determinada denominação religiosa ou o a defesa do interesse nacional, caracterizados como limitação do grupo “maximalista”, nesse caso não podem ser aplicadas.

2.2.1. Questionamentos à escola “minimalista”

Se toda a Bíblia hebraica foi escrito no pós-exílio, com concentração nos períodos grego e hasmoneu, o que dizer das informações extra-bíblicas que confirmam os relatos históricos da Bíblia. Os exemplos são inúmeros, citaremos alguns:

A estela redigida por Salmanassar III (858-824) onde ele relata a vitória contra uma coalizão anti-assíria às margens do rio Orontes. Nessa estela, além de citar o rei Hadadezer de Damasco, como um dos líderes dessa coalizão, menciona também o rei israelita Acab, que liderava um contingente de dez mil soldados com duas mil bigas. Estas informações

têm grande paralelo em 1Rs 16-2Rs 12, evidentemente apresentadas com outro enfoque, mas que não poderiam simplesmente terem sido inventadas do nada pelo redator.

A estela de Mesa, redigida pelo rei de Moab, por volta de 840 a.C. e encontrada em 1868 d.C., em Dibon, na Jordânia. Nessa estela Mesa conta como se libertou da opressão da casa de Omri, que invadira suas terras e obrigara seu povo a pagar um pesado tributo. Mas, que em seus dias se libertou do filho de Omri, provavelmente o rei Jorão (852-841), neto de Omri. Mesa relata ainda como consagrou a vitória ao seu Deus Camos. O relato encontra um paralelo muito grande em 2Rs 3, onde diz que Mesa, rei de Moab pagava um alto tributo a Israel, mas quando morreu Acab, Mesa se revoltou contra o rei Jorão de Israel. Novamente, é impossível que o redator de 2Rs 3 possa ter inventado do nada tamanha coincidência.

A Estela de Dã. Três pedaços dessa estela, que compõe cerca de 60 a 70 por cento da estela original, foram encontrados no sítio arqueológico de Dã em 1993 e 1994. Nela, seu provável autor, o rei Hazael de Damasco, relata como ele derrotou as forças israelitas e judaítas, conquistando seus territórios, e como ele matou o rei Jorão, filho de Acab, e o rei Ocozias, da casa de Davi. Portanto, conforme a estela de Dã, Hazael matou Jorão de Israel e Ocozias rei de Judá. E mais, a estela deixa transparecer ainda que foi Hazael, rei de Damasco, que pôs Jeú no poder em Samaria, capital de Israel. Novamente temos um grande paralelo entre o que conta a estela de Dã e o que relata 2Rs 9-10. Evidentemente, a narrativa bíblica feita em Jerusalém, provavelmente no tempo do rei Josias, interpreta a morte dos dois reis, Jorão e Ocozias, e a chegada de Jeú ao poder, como sendo vontade de Javé para acabar com o culto a Baal.

Temos ainda outros exemplos de informações extra-bíblicas, como a referência aos reis de Judá, Ezequias, na inscrição de Senaquerib (704-681), e de Manassés, nos escritos de Asaradon (680-669) e Assurbanipal (669-630). Portanto, a lista é grande. Assim que, os nomes dos reis ou personagens ilustres, as cidades, os períodos dos reinados, as fronteiras entre os territórios e até das tribos, comprovados pela arqueologia, não podem ter sido escritos por um redator pós-exílicos sem ter em mãos fontes antigas. Há tantos detalhes nos fatos narrados que são completamente desnecessários para o enredo da narrativa, e que, portanto, não haveria necessidade de incluí-los se não fossem detalhes que já constavam nas fontes consultadas. Isso, sem falar da diferença linguística que existe entre o hebraico dos textos ou passagens pré-exílicos, do final da segunda metade do século VII, e o hebraico pós-exílico.

Enfim, no nosso entender, as provas da historicidade dos fatos relatados em muitos textos bíblicos são inúmeras. Obviamente que é preciso levar em consideração que o redator bíblico não se preocupa em fazer uma leitura histórica dos fatos, mas sim, uma leitura teológica, ou seja, como Javé atua na história. Por isso o redator apresenta os fatos sempre a partir da perspectiva javista. Contudo, não deixa de narrar nas entrelinhas os fatos históricos. Outro aspecto a considerar são as releituras e acréscimos que o texto sofreu no decorrer do tempo, principalmente no pós-exílio, o que torna o conteúdo histórico mais difícil, o que por sua vez leva a muitos estudiosos a abandonarem por completo a leitura do texto como informação histórica.

2.3. Uma posição alternativa

No início, todos os que liam criticamente a Bíblia eram classificados como pertencentes ao grupo minimalista. Porém, aos poucos as posições foram se definindo, permitindo aos estudiosos se distanciar ou aproximar deste ou daquele grupo. De maneira que, nos últimos anos vem surgindo um terceiro grupo que, apesar de praticar uma leitura crítica da Bíblia, não se identifica com o grupo minimalista.

Esse grupo parte do princípio de que boa parte do Pentateuco e da História Deuteronomista, bem como partes de livros proféticos, como Amós, Oséias, Miquéias, Sofonias etc., têm como data do início da sua composição na monarquia tardia (final do século VIII e início do século VII, mais precisamente no final do século VII). Ou seja, teria começado timidamente no reinado de Acáz (735-716), se ampliado nos reinados de Ezequias (716-687) e Manassés (687-642), período em que ôstracos, selos e pesos começam a ser encontrados em Judá, e se intensificado no reinado de Josias (640-609). Entendemos, no entanto, que se bem que a redação em Judá, mais precisamente em Jerusalém, começou nessa época, é provável que já existissem pequenas unidades, algo similar a pequenos folhetos de relatos sobre heróis, matriarcas e patriarcas, experiências fundantes, ditos tribais etc. em Israel Norte. Histórias que se formaram oralmente em torno de poços, santuários populares (bamot), como Betel, Silo, Siquém, Tabor, Samaria etc., das quais algumas foram incluídas nos registros dos anais das realidades de Israel Norte.

Por exemplo, os relatos do Primeiro livro de Samuel sobre as tradições em torno de Silo e sua importância enquanto grande centro de culto. As escavações da década de 1980 mostraram que Silo atingiu seu auge em meados do ferro I (FINKELSTEIN, I., MAZAR, A., 2007, p. 17-18), por volta do final do século XI, depois disso não passou de um sítio sem importância. Portanto, esses relatos sobre a grandeza de Silo presentes em Primeiro Samuel não podem refletir seu estado insignifi-

cante da monarquia tardia, quando os textos foram redigidos/compilados em Jerusalém.

O mesmo caso se pode aplicar à cidade filisteia de Gat, em 1Sm 17. Escavações recentes do Tel Es-Safi, mostram que a cidade atingiu seu auge no IX século. Talvez Gat tenha sido a maior cidade filisteia nesse período. No final do século IX Gat foi destruída provavelmente por Hazael de Damasco. Depois disso, nunca mais se recuperou. No final do século VIII Sargon II faz menção a ela como cidade dependente de Asdod. No século VII os assírios e as menções bíblicas só registram quatro cidades filisteias, Gat está ausente. Portanto, as histórias bíblicas que descrevem Gat como a mais importante cidade filisteia deve preservar sua realidade do início ou meados do século IX.

Mais tarde, por volta do fim do século VIII, depois da destruição da Samaria, as coletâneas migraram para o sul e foram assimiladas pelo chamado movimento deuteronomista de Jerusalém. De maneira que quase poderíamos denominar de compilação o movimento literário que começou em Jerusalém na monarquia tardia. Definir com certa precisão essas unidades ou folhetos contendo histórias de heróis populares, contos, mitos, sagas etc., originários de Israel Norte e anteriores à redação de Jerusalém ainda é tarefa a ser realizada pela pesquisa bíblica.

Na corte ou no templo, onde são compilados e relidos, os textos ou tradições recebem grande dose de ideologia do poder de turno. Ali são acrescentados complementos que correspondem à realidade e aos interesses daquele momento, mas que lidos parecem corresponder ao contexto do fato narrado. Isso não significa que os textos não tenham valor histórico, só que, em muitos casos, os textos trazem mais informações do tempo em que foram escritos ou reescritos do que do tempo que descrevem. São, portanto, excelentes para estudar o contexto histórico do período da redação. No caso da Obra Historiográfica, os textos são carregados da teologia davídica, centralizada em Jerusalém e originária do período do rei Josias, pertencente à casa de Davi. Esta teologia não defende a religiosidade sincrética de Israel Norte. Ao contrário, o sincretismo cultural-religioso de Israel Norte é comumente abominado na Obra Historiográfica.

2.3.1. O método da leitura regressiva

Diferente do enfoque fundamentalista, que faz uma leitura cronológica, o grupo alternativo pratica a leitura regressiva dos textos bíblicos. O método regressivo parte do contexto em que o texto foi escrito e se projeta para trás numa tentativa de reconstruir a história do conteúdo e a história da redação. Evidentemente que esta é uma tarefa difícil, que pode ser comparado a um tatear no escuro. Para uma melhor compreensão,

é bem ilustrativo o exemplo da caverna. O estudioso ao adentrar num texto bíblico é como se estivesse entrando numa caverna escura com uma lanterna. Os raios do facho de luz permitem ao estudioso ter uma visão bastante nítida da entrada da caverna, mas quanto mais olhar ao fundo, onde os raios de luz pouco alcançam, menor será a visão. Obviamente que se o exegeta se projetar mais para o interior da caverna (entenda-se texto) a vista será mais clara. Esta é em realidade a tarefa da exegese, penetrar com as devidas ferramentas no interior da caverna e descobrir o que ela contém.

Para ilustrar o método da leitura regressiva e compreender melhor o que estamos expondo, tomemos como exemplo a passagem de 1Rs 13,1-2. Esses versos narram a profecia de um “homem de Deus” vindo de Judá à Betel, santuário nacional de Israel Norte, na hora em que o rei Jeroboão I estava oferecendo um sacrifício. Assim diz:

“Eis que um homem de Deus veio de Judá com a palavra de Javé a Betel, quando Jeroboão estava de pé sobre o altar para queimar incenso. E gritou contra o altar com a palavra de Javé e disse: ‘altar, altar, assim diz Javé: eis que um filho vai nascer para a casa de Davi, Josias será o seu nome. Ele oferecerá em sacrifício sobre ti os sacerdotes dos lugares altos, aqueles que queimam incenso sobre ti. E ossos humanos queimará sobre ti’”.

Como vemos, o texto narra um fato ocorrido durante o reinado de Jeroboão I (931-909 a.C.) em que um profeta, literalmente um homem de Deus, vindo de Judá prediz o que sucederá nos dias vindouros em favor de Josias, da casa de Davi, e contra o altar de Betel. Contudo, a projeção que aqui ocorre não é para o futuro, mas para o passado. Ou seja, em realidade, nos encontramos em Jerusalém, no reinado de Josias, entre os anos 640-609 a.C., portanto cerca de trezentos anos depois, período em que o texto é escrito e projetado para o passado com o objetivo de respaldar e legitimar ações do presente.

3. Khirbet Qeiyafa e o reino de Saul

Como um exercício do método regressivo de análise da obra historiográfica e fazendo uso das recentes descobertas arqueológicas, nos propomos um desafio ousado: rastrear muito brevemente a possibilidade da existência do reino de Saul. Ou seja, estamos voltando ao início do nosso ensaio, quando falávamos da recente descoberta que Israel Finkelstein e sua equipe fizeram em Megiddo.

Entendemos que não há necessidade falar aqui do avanço da pesquisa bíblica e arqueológica na comprovação da força política e econômica do que foi Israel Norte, principalmente nos períodos dos omridas e

de Jeroboão II. O mesmo, porém, não se pode dizer do reinado de Saul. Querer comprovar a historicidade do reino de Saul pode parecer certo contracenso, pois se a realidade histórica de Davi e Salomão tem sido posta em dúvida, tanto mais duvidosa deveria ser a existência de Saul e de seu reinado, que são mais antigos. Por isso, deveríamos começar com a pergunta: Saul existiu? Tomando como ponto de partida o relato bíblico, a resposta pode ser outra pergunta: Qual a necessidade dos redatores jerusalemítas do tempo de Josias falarem de Saul? Ou seja, por que falar de um reinado prévio a Davi e Salomão se sua história já não fosse conhecida? Partindo dessa premissa, parece-nos mais coerente falar de um reino de Saul do que de um reino de Davi e de Salomão. Além disso, é evidente o esforço na narrativa em esconder a história de Saul. Se o reinado de Davi e Salomão foi exageradamente engrandecido, o de Saul foi propositalmente diminuído. Apesar de que, é possível encontrar tradições na Bíblia que exaltam Saul, que a nosso entender são mais antigas, e provavelmente oriundas do norte, como o caso de 1Sm 14,47-51, que afirma que por onde quer que Saul se voltasse se tornava vitorioso. Além disso, todos os personagens ali citados são da casa de Saul, o que é um indício de que o poder estava concentrado no seu clã.

Se é possível falar de um reino da casa de Saul, então ele deve ser situado na fértil região de Benjamim (1Sm 9,1-2), que fica um pouco ao sul da montanha de Efraim, entre Betel, Ai e Guilgal, esse último tradicionalmente conhecido como local da inauguração da realeza (Os 9,15). O centro parece ter sido Gabaon, estendendo-se para as montanhas de Efraim, ao norte (1Sm 9). Conforme 2Sm 2,8-9, Isbaal, o filho de Saul, teria reinado sobre Manaim e Galaad, sobre os assírios, Jezreel, Efraim, Benjamim e sobre todo Israel. Ou seja, além do planalto central, já com ascendência ao Vale de Jezreel, o filho de Saul teria reinado também sobre a próspera região de

Galaad. Aliás, em 1Sm 11, a justificativa da escolha de Saul como rei é a defesa do território de Jabes de Galaad, que havia sido atacado pelos amonitas. Estamos, portanto, já próximo da fronteira com Aram-Damasco. Aliás, serão os habitantes de Jabes de Galaad, após a batalha em Gelboé, que resultou na morte de Saul e de seus filhos, que irão retirar o corpo de Saul e da muralha de Betsã e enterrá-lo (1Sm 31).

Até aqui, as informações que apresentamos sobre um possível reino de Saul são todas tiradas de Bíblia hebraica. Porém, a arqueologia também tem uma palavra importante a dar. Curiosamente, na segunda metade do século XX muitas cidades do planalto central de Israel foram escavadas e, em algumas delas, como Gabaon e Betel, foram encontrados muros de casamata, o que indica que eram cidades fortificadas. Esses

muros típicos foram construídos no final do período do ferro I e destruídos e abandonados no início do ferro II (FINKELSTEIN, Israel, 2013, p. 51). Essa destruição coincide com a campanha do faraó Sheshong I (945-925), conhecido na Bíblia como Sisac, no início do ferro II, por volta da segunda metade do século X. Quem reinava sobre estas cidades antes da chegada dos egípcios? Se não foram Davi e Salomão, quem foi? A resposta parece ser: a casa de Saul. Ou seja, o nascente reino da casa de Saul foi completamente aplastado pelo exército de Sheshong I, a ponto de muitas cidades destruídas nunca mais se recuperarem. É possível ler neste viés a batalha decisiva no monte Gelboé entre Israel de Saul e os filisteus (1Sm 28-31). Ou seja, é provável que os filisteus estivessem a serviço dos egípcios de Sheshong I, com quem parece tinham relações comerciais, como o comércio de prata. E, em razão do constante conflito com os filisteus em tempos futuros, estes ficaram na memória.

Após a retirada do Egito, cuja presença parece ter durado muito pouco tempo, o reinado de Saul foi retomado e ampliado pelo que veio a ser o grande reino de Israel Norte, com seu centro em Tersa, cidade que ficava na mesma região, um pouco acima de Siquém.

3.1. *Khirbet Qeiyafa*

Em 2005 o arqueólogo Saar Ganor escavou um sítio arqueológico situado a poucos quilômetros ao sul de Bet Shemesh e a 30 km a sudoeste de Jerusalém. No sítio hoje conhecido como Khirbet Qeiyafa, Ganor encontrou algumas ruínas do período do ferro I, fato que despertou grande interesse dos estudiosos. A área já havia sido escavada, sem grande relevância, na segunda metade do século XIX e na década de 1930. Depois dos achados de Ganor, a Universidade Hebraica de Jerusalém financiou uma ampla escavação do sítio durante os anos 2007 e 2008, sob a coordenação do arqueólogo Yosef Garfinkel, e a descoberta foi surpreendente. Foram encontradas as ruínas de uma imensa cidade fortaleza, com palácio e templo e cercada com um muro circular de casamata. Analisadas pelo carbono 14 as cerâmicas e as sementes de azeitona ali desenterradas, concluiu-se inicialmente que as ruínas constavam ser entre os anos 1050-970 (GARFINKEL, Y., GANOR, S., 2009). Porém, com maior precisão, Israel Finkelstein e E. Piasetzky situaram as ruínas entre os anos 1050-915 (I. FINKELSTEIN, I., PIASETZKY, I., 2010, p. 84-88). Isto é, a cidade foi ocupada e construída no século XI e destruída na segunda metade do século X e não mais reconstruída.

Novamente surge a pergunta: quem reinou sobre esta cidade? Dado à sua proximidade com Jerusalém, o domínio foi imediatamente atribuído

² Ver, entre outros, os vários artigos de Yosef Garfinkel.

ao reino de Davi.² No nosso entender, para atribuir as ruínas de Khirbet Qeiyafa ao domínio dos reis de Judá, teríamos que situá-las por volta do final do século VIII, durante o reinado do rei Ezequias (716-687) ou mais tarde, nos reinados de Manassés (687-642) ou até de Josias (640-609), quando Judá estava em expansão e tinha poder para tal, e quando Israel Norte já tinha sido devastado pela Assíria.

Para Israel Finkelstein, dada a semelhança com as cidades destruídas pela campanha de Sheshong I no planalto central, e a diferença com as cidades-estados filisteias, Khirbet Qeiyafa era um posto avançado do reino de Saul, e que servia de controle no conflito com os filisteus, que tinham seu centro em Gat e Ekron. Assim, como as cidades do norte, também Khirbet Qeiyafa foi destruída pela campanha do faraó Sheshong I, ainda que o nome da cidade não conste na lista das cidades conquistadas pelo faraó no templo de Karnak no Egito.

Enfim, se atribuímos as ruínas de Khirbet Qeiyafa e das cidades do Planalto Central destruídas por Sheshong I, ao domínio do reino de Saul temos que a reaver a cronologia do período histórico do reinado de Saul, tradicionalmente situado durante os anos 1030-1010 ou conforme outros pesquisadores, durante os anos 1025-1005 (1Sm 13,1). A partir dos resultados das pesquisas atuais teríamos que situar o reino de Saul para um século mais tarde, isto é, para a segunda metade do século X, entre os anos 950 e 920. Afinal, até agora, a única referência que tínhamos para a localização cronológica de Saul foi a Bíblia Hebraica. Mas, uma vez que ficou um vácuo cronológico pelo desmoronamento do império de Davi e Salomão, tradicionalmente conhecido como monarquia unida, esses dados têm de ser revistos.

Não poderíamos terminar nosso ensaio, sem ao menos mencionar um outro achado fantástico: O ôstraco de Khirbet Qeiyafa, encontrado em 2008. É um texto de cinco linhas muito pouco legível e escrito da esquerda para a direita, ainda que há quem afirme que a escrita seja vertical. As letras parecem ser um proto-hebraico, pois o texto teria palavras que só se encontram na língua hebraica. Se assim, seria o texto hebraico mais antigo encontrado até hoje. Infelizmente não tem sido possível decifrar o seu conteúdo a contento. Alguns tradutores encontraram nele uma referência à eleição do rei (Saul). Contudo, o que todos estão de acordo é que o texto contém uma mensagem sociológica em defesa do estrangeiro, da viúva e do órfão. Isso é sensacional, pois deverá ajudar a compreender melhor a origem dos preceitos tão presentes na Bíblia que defendem esta tríade social e continuamente lembrada pelos profetas do povo.

Bibliografia

- ACHENBACH, R. The Protection of Personae miserae in Ancient Israelite Law and Wisdom and in the Ostrakon from Khirbet Qeiyafa. *Semitica*, vol. 54, 2012, p. 93-125.
- DAGAN, Y. Khirbet Qeiyafa in the Judean Shephelah: Some Considerations. *Tel Aviv*, vol. 36, 2009, p. 68-81.
- FINKELSTEIN, I. *The Forgotten Kingdom: The Archaeology and History of Northern Israel*. Atlanta: SBL, 2013.
- _____, FANTALKIN, A. Khirbet Qeiyafa: An Unsensational Archaeological and Historical Interpretation. *Tel Aviv*, vol. 39, 2012, p. 38-63.
- _____, MAZAR, A. *The Quest for the Historical Israel: debating archaeology and the history of early Israel*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007, p. 9-21.
- _____, PIASETZKY, E. Khirbet Qeiyafa: Absolute Chronology. *Tel Aviv*, vol. 37, 2010, p. 84-88.
- _____, SILBERMAN, N. A., *David and Solomon: In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition*. New York: The Free Press, 2006.
- _____. *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. New York: The Free Press, 2001.
- GALIL, G. The Hebrew Inscription from Khirbet Qeiyafa/Neta'im: Script, Language, Literature and History. *Ugarit Forschungen*, vol. 41, 2009, p. 193-242.
- GARFINKEL, Y., GANOR, S. *Khirbet Qeiyafa: The 2007-2008 Excavation seasons*. Israel Exploration Society, vol. 1, 2009.
- _____, GANOR, S., HASEL, M. *The Contribution of Khirbet Qeiyafa to our Understanding of the Iron Age Period*. Strata: Bulletin of the Anglo-Israeli archaeological Society, vol. 28, 2010, p. 39-54.
- KAEFER, José Ademar. Hermenêutica bíblica: Refazendo caminhos. *Estudos da Religião*, vol. 28, n. 1, São Bernardo do Campo: UMESP, 2014.
- _____, José Ademar. A Estela de Dã. *Caminhando*, vol. 17, n. 2. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012, p. 33-46.
- _____. *Arqueologia das Terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 10.
- LEVIN, Y. The Identification of Khirbet Qeiyafa: A New Suggestion. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, vol. 367, 2012, p. 73-86.
- MILLARD, A. The Ostrakon from the Days of David Found at Khirbet Qeiyafa. *Tyndale Bulletin*, vol. 62, 2011, p. 1-13.
- NA'AMAN, N. 2012. Khirbet Qeiyafa in Context. *Ugarit Forschungen*, vol. 42, 2012, p. 497-526.
- _____. The Inscriptions of Kuntilet 'Ajrud through the Lens of Historical Research. *Ugarit-Forschungen*, vol. 43, 2012, p. 1-43.
- RÖMER, T., MACCHI, J.-D., NIHAN, C. (orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 388s.